



A
ELA NÃO
MULHER
É QUEM
ENTRE
VOCÊ PENSA
NÓS

GREER HENDRICKS e SARAH PEKKANEN

Material com direitos autorais

Sumário

Parte um

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Parte dois

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Parte três

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

Epílogo

PARTE UM

Prólogo

Ela caminha com passos apressados pela calçada, os cabelos loiros balançando sobre os ombros, o rosto vermelho e uma mala de ginástica pendurada no antebraço. Quando chega ao prédio onde mora, enfia a mão na bolsa e pega as chaves. A rua está movimentada, barulhenta, com táxis amarelos indo e vindo, trabalhadores voltando para casa e clientes saindo das lojas e se dirigindo à lanchonete da esquina. Meus olhos não se desviam dela.

Ela se detém na entrada do prédio e olha rapidamente por cima do ombro. Meu corpo parece ser percorrido por uma descarga elétrica. Fico me perguntando se ela sente que está sendo vigiada. Um sistema inteiro do cérebro humano é dedicado a essa herança genética, a capacidade de sentir que estamos sendo observados. Nossos ancestrais se valiam disso para escapar dos predadores. Cultivei essa forma de defesa, essa sensação de estática surgindo na superfície da pele, a cabeça se erguendo por instinto à procura de um par de olhos. Aprendi que ignorar esse alerta pode ser perigoso.

Mas ela simplesmente vira na direção oposta, abre a porta e entra no prédio, sem olhar na minha direção.

Nem imagina o que fiz para ela.

Não tem noção do estrago que causei; da ruína que pus em curso.

Para essa linda jovem com rosto em formato de coração e corpo sensual — a mulher por quem meu marido Richard me trocou —, sou invisível como o pombo ciscando na calçada ao

meu lado.

Ela não faz ideia do que vai acontecer se continuar agindo assim. Não faz a menor ideia.

1

Nellie não sabia dizer ao certo o que a tinha acordado. Quando abriu os olhos, havia uma mulher usando seu vestido de noiva de renda branca ao lado de sua cama, observando-a.

Ela sentiu a garganta fechar, impedindo que gritasse, então estendeu o braço para pegar o taco de beisebol encostado no criado-mudo. Aos poucos sua visão se ajustou à luminosidade reduzida do amanhecer, e os batimentos de seu coração desaceleraram.

Ela soltou uma risadinha tensa ao perceber que estava tudo bem. Era apenas seu vestido de casamento protegido por um plástico e pendurado no cabide. Ela o colocara ali no dia anterior, depois de apanhá-lo na loja. Havia papel amassado sob o espartilho e a saia rodada para manter a forma. Nellie desabou no travesseiro. Quando sua respiração se estabilizou, ela se voltou para os números luminosos do relógio digital no criado-mudo. Era cedo demais.

Esticou o braço e desligou o alarme antes que começasse a tocar. A aliança de noivado que Richard lhe dera, com um diamante, ainda parecia estranha e pesada em seu dedo.

Desde a infância, Nellie tinha dificuldade para dormir. Sua mãe não tinha paciência para os rituais da hora de ir para a cama, mas o pai massageava suas costas com movimentos suaves, desenhando mensagens como “Eu te amo” ou “Você é muito especial”. Ela tentava adivinhar o que diziam. Em outras ocasiões, ele desenhava figuras: círculos, estrelas e triângulos. Isso antes de seus nove anos, quando ele foi embora de casa depois do divórcio.

Então ela passou a se deitar sozinha, sob o edredom rosa com listras roxas, olhando para a mancha de umidade provocada por uma infiltração no teto.

Quando enfim pegava no sono, conseguia dormir umas boas sete ou oito horas — profundamente e sem a interrupção de sonhos, de modo que sua mãe precisava sacudi-la com força para acordá-la.

Mas, depois de certa noite de outubro, no último ano de faculdade, aquilo de repente mudou.

Sua insônia piorou sensivelmente, e seu sono se tornou permeado por sonhos vívidos e despertares abruptos. Uma vez, quando desceu para o café da manhã na república onde morava, uma companheira da irmandade Chi Ômega lhe contou que tinha gritado coisas ininteligíveis durante a noite. Nellie tentou minimizar: “Estou estressada com as provas finais. Dizem que a de estatística aplicada vai ser difícilíssima”. Então se levantou da mesa para pegar outro café.

Depois disso, ela marcou uma consulta com a psicóloga do campus. Apesar da abordagem delicada da especialista, Nellie não conseguiu conversar sobre a noite quente de início de outono que começou com garrafas de vodca e risos e terminou com sirenes de polícia e desespero. Ela foi à terapeuta mais uma vez, então cancelou a terceira consulta e nunca mais voltou.

Nellie contara a Richard alguns detalhes de um de seus pesadelos recorrentes e sentira os braços dele e uma voz grave murmurando em seu ouvido: “Estou aqui, amor. Você está segura comigo”. Agarrada a ele, sentia a segurança pela qual ansiara a vida toda, mesmo antes do incidente que havia mudado tudo. Com Richard ao seu lado, ela conseguia ceder ao sono profundo e vulnerável. Era como se o chão instável tivesse se solidificado sob seus pés.

Na noite anterior, porém, Nellie estava sozinha em seu apartamento no andar térreo de um velho predinho de tijolos. Richard estava em Chicago a trabalho, e Samantha, a melhor amiga de Nellie e com quem dividia a casa, tinha ido dormir fora

com algum cara. Os ruídos de Nova York entravam pelas paredes: buzinas, gritos, latidos... Embora os índices de criminalidade do Upper East Side estivessem entre os mais baixos de Manhattan, havia grades de metal nas janelas e três trancas na porta, inclusive uma enorme que Nellie tinha mandado instalar logo que se mudara. Mesmo assim, ela precisara de uma tacinha extra de chardonnay para pegar no sono.

Nellie esfregou os olhos vermelhos e se levantou da cama com gestos lentos. Vestiu o roupão, olhou para o vestido de novo e se perguntou se não era melhor tentar abrir um espaço para ele no closet apertado. Mas a saia era volumosa demais. Na loja, cheia de peças extravagantes com bordados, pareceu simples e elegante, como um vestidinho de chita perto de outro bufante. Mas, entre suas roupas e a frágil prateleira com seus livros no espaço exíguo do quarto, parecia muito próximo do que uma princesa da Disney escolheria.

Mas era tarde demais para mudar. O casamento estava chegando e todos os detalhes estavam acertados, até o enfeite do bolo: a noiva loira e o noivo bonitão, capturados no momento perfeito.

“Olha só vocês dois”, dissera Samantha ao ver a foto dos bonequinhos de porcelana que Richard mandara a Nellie por e-mail. A peça havia sido dos pais dele, e Richard tinha ido procurá-la no depósito que mantinha no porão de seu prédio depois de pedi-la em casamento. Sam franziu o nariz. “Já parou para pensar que parece bom demais para ser verdade?”

Richard tinha trinta e seis anos, nove a mais que Nellie, e era um bem-sucedido administrador de fundos de investimentos. Tinha o corpo magro e esguio como o de um corredor, e seu sorriso fácil amenizava a intensidade dos olhos azul-escuros.

No primeiro encontro, ele a levava a um restaurante francês e conversara com a maior familiaridade com o sommelier sobre vinhos brancos da Borgonha. No segundo, em um sábado de neve, recomendara que Nellie usasse roupas quentes e aparecera com dois trenós verdes de plástico. “Conheço a melhor rampa do

Central Park”, ele dissera.

Usava uma jaqueta jeans desbotada que caía tão bem quanto seus ternos feitos sob medida.

Nellie não estava brincando quando respondera a Sam: “Penso nisso todos os dias”.

Ela suprimiu outro bocejo enquanto descia os sete degraus até a minúscula cozinha, sentindo o linóleo frio sob os pés descalços. Acendeu a luz e percebeu que, mais uma vez, Sam tinha feito a maior sujeira com o pote de mel ao adoçar o chá. O líquido viscoso escorria pela lateral do vidro, e uma barata esperneava no meio de uma grudenta poça cor de âmbar. Mesmo depois de anos vivendo em Manhattan, a visão daquele bicho ainda a deixava enojada. Nellie prendeu a barata embaixo de uma caneca suja de Sam que estava na pia. *Ela que se vire com essa coisa*, pensou. Enquanto esperava o café ficar pronto, abriu o laptop para ler seus e-mails — um cupom da Gap; a mãe, que pelo jeito se tornara vegetariana, perguntando se haveria uma opção sem carne no cardápio do jantar no casamento; um aviso de que o pagamento da fatura do cartão de crédito estava atrasado.

Nellie serviu o café em uma caneca decorada com coraçõezinhos e as palavras MELHOR PROFESSORA DO MUNDO — ela e Samantha eram professoras de educação infantil na Learning Ladder e tinham dezenas daquelas canecas amontoadas no armário — e tomou um gole. Tinha dez reuniões agendadas com pais de seus alunos, crianças na faixa dos três anos. Sem cafeína, correria o risco de cochilar no “cantinho do silêncio”, e precisava se manter ligada. Os primeiros seriam os Porter, que pouco tempo antes tinham reclamado da ausência de atividades criativas em sala de aula. Eles recomendaram a substituição da casa de bonecas por uma cabana indígena e insistiram na ideia mandando um link de uma que custava duzentos e vinte e nove dólares.

Nellie concluiu que não sentiria muito mais falta dos Porter do que das baratas quando fosse morar com Richard. Olhou para a caneca de Samantha, foi invadida uma pontada de culpa e usou um lenço de papel para apanhar às pressas a barata, jogá-la na

privada e dar a descarga.

O celular tocou quando Nellie estava abrindo o chuveiro. Ela se enrolou em uma toalha e correu até sua bolsa. Mas não estava lá; ela o perdia o tempo todo. No fim, acabou encontrando-o no meio do edredom.

“Alô?”

Não houve resposta.

O identificador de chamadas não mostrava o número. Um instante depois veio o aviso de mensagem de voz. Ela acionou o botão para ouvir, mas só conseguiu escutar o som leve e ritmado da respiração de alguém.

Telemarketing, ela disse a si mesma ao largar o celular na cama. Nada de mais. Era só uma reação exagerada, como às vezes acontecia, por causa do excesso de coisas a fazer. Afinal de contas, em algumas semanas, juntaria tudo o que tinha e levaria para a casa de Richard, começando uma vida nova com um buquê de rosas na mão. Mudanças sempre causavam apreensão, e ela tinha que encarar um monte de uma só vez.

Mesmo assim, era a terceira ligação daquele tipo nas últimas semanas.

Nellie olhou para a porta da frente. Todas as travas estavam fechadas.

Foi para o banheiro, mas acabou voltando para o quarto e pegando o celular, que deixou na pia. Trancou a porta, pendurou a toalha no gancho e entrou no box. Deu um pulo para trás quando a água fria a atingiu, então ajustou a temperatura e esfregou os braços.

O vapor preencheu o pequeno espaço, e ela deixou a água aliviar os nós em seus ombros e suas costas. Ia mudar de sobrenome depois de casada. Talvez trocasse o número do celular também.

Ela tinha colocado um vestido de linho e estava passando rímel — só usava maquiagem e roupas bonitas no trabalho quando se reunia com pais ou na formatura — quando o celular vibrou, produzindo um ruído alto e retinido contra a porcelana da

pia. Nellie fez uma careta, e o pincel subiu mais do que deveria, deixando uma mancha escura perto da sobrancelha.

Quando olhou, viu que era uma mensagem de texto de Richard.

Mal passo esperar para ver você, linda. Estou contando os minutos. Te amo.

As palavras do noivo aliviaram o aperto que sentia no peito. *Eu também*, ela respondeu.

Naquela noite, ia contar sobre as ligações. Richard serviria uma taça de vinho e colocaria seus pés sobre o colo enquanto conversavam. Talvez arrumasse um jeito de descobrir o número. Ela terminou de se arrumar, pegou a bolsa pesada e saiu para o sol fraco da manhã de primavera.

2

O apito da chaleira de tia Charlotte me desperta. Um sol fraco entra pelas frestas da persiana, criando listras desbotadas sobre meu corpo em posição fetal. Como é possível já ter amanhecido? Depois de meses dormindo em uma cama de solteira — e não na king size que dividia com Richard —, ainda me posiciono encolhida na esquerda. Os lençóis estão frios ao meu lado. Guardo lugar para um fantasma.

As manhãs são as piores, porque, por um breve instante, meus pensamentos ficam leves. É cruel demais. Eu me encolho sob a colcha, sentindo um peso tremendo me prendendo à cama.

Richard deve estar com minha linda e jovem substituta, os olhos azul-escuros fixos nela, os dedos passeando por seu rosto. Às vezes sou quase capaz de ouvi-lo dizer as coisas que sussurrava para mim.

Te amo. Vou te fazer muito feliz. Você é tudo pra mim.

Meu coração dispara, e cada batida firme dói. *Respire fundo*, lembro a mim mesma. Não adianta nada. Nunca funciona.

Quando vejo a mulher por quem Richard me deixou, sempre fico impressionada com sua aparência meiga e inocente. É parecidíssima comigo, ou pelo menos com como eu era na época em que conheci Richard — ele segurava meu rosto entre as mãos com toda a delicadeza, como se eu fosse uma flor que pudesse se desfazer ao toque.

Mesmo naqueles primeiros meses inebriantes, era como se tudo — como se *ele* — parecesse um tanto coreografado. Richard era atencioso, carismático e bem-sucedido. Eu me apaixonei quase

de imediato. Nunca duvidei de que me amasse também.

Agora ele não tem mais nada a ver comigo. Mudei da casa em estilo colonial com quatro quartos, portas arqueadas e gramado verdejante. Três deles permaneceram vazios durante o tempo em que ficamos casados, mas a faxineira os limpava toda semana. Eu sempre arrumava uma desculpa para sair assim que ela chegava.

A sirene de uma ambulância lá embaixo enfim me arranca da cama. Tomo um banho e, enquanto seco os cabelos, percebo que a raiz escura está aparecendo. Pego a tinta debaixo da pia para me lembrar de retocar à noite. Os dias em que eu pagava — não, em que Richard pagava — cem dólares por corte e tintura ficaram no passado.

Abro o armário de cerejeira antigo que tia Charlotte comprou no mercado de pulgas e restaurou sozinha. Houve um tempo em que eu tinha um closet maior do que o quarto em que durmo hoje. Araras com vestidos organizados por cor e estação. Pilhas de jeans de grife com lavagens diferentes. Um arco-íris de malhas.

Essas coisas nunca significaram muito para mim, que em geral usava legging e moletom. Ao contrário das mulheres que trabalhavam fora, eu só colocava minhas melhores roupas para receber Richard. Não me arrependo de ter pegado minhas roupas mais chiques quando Richard me pediu para deixar nossa casa em Westchester. Trabalho como vendedora na Saks, no setor de roupas de grife. Como dependo de comissões, é fundamental projetar uma imagem de sucesso. Olho para os vestidos pendurados no armário com uma precisão quase militar e escolho um Chanel de um azul esverdeado. Um dos botões está lascado e ele está meio largo. Não preciso de uma balança para saber que perdi peso. Tenho um metro e sessenta e cinco e meus vestidos tamanho trinta e oito estão largos.

Entro na cozinha, onde tia Charlotte está comendo iogurte grego com mirtilos. Dou um beijo nela, sentindo a pele de seu rosto macia como talco.

“Bom dia, Vanessa. Dormiu bem?”

“Sim”, minto.

Ela está de pé junto ao balcão, descalça e vestindo suas roupas largas de tai chi, espiando-me por cima dos óculos enquanto rabisca uma lista de compras no verso de um envelope, entre uma colherada e outra. Para tia Charlotte, a quebra da inércia é fundamental para a saúde emocional. Ela sempre me convida para caminhar pelo SoHo, para palestras sobre arte na galeria Y, ou para ver um filme no Lincoln Center... mas aprendi que me manter ativa não me ajuda muito. Os pensamentos obsessivos podem surgir em qualquer lugar.

Mordo um pedaço de torrada integral e ponho uma maçã e uma barrinha de cereais na bolsa para depois. Dá para notar que tia Charlotte está aliviada por eu ter arrumado um emprego. Estou atrapalhando sua rotina; em geral ela passa as manhãs em um quarto que usa como ateliê, pintando telas com tinta a óleo, criando mundos oníricos muito mais bonitos do que este que habitamos. Mas ela nunca reclama. Quando eu era menina e achava que minha mãe precisava de um de seus “dias de luzes apagadas”, ligava para tia Charlotte, irmã mais velha dela. Era só chamar e minha tia aparecia, com uma muda de roupa a tiracolo, estendendo as mãos manchadas de tinta para me acolher em um abraço com cheiro de óleo de linhaça e lavanda. Ela não tinha filhos, e seus horários eram bem flexíveis. Eu tinha muita sorte de poder me colocar no centro de suas atenções quando mais precisava.

“Brie... pera...”, tia Charlotte murmura enquanto acrescenta itens à lista, com sua caligrafia cheia de volteios. Seus cabelos grisalhos estão presos em um coque, e os objetos aleatórios colocados diante dela — uma tigela de vidro azul-cobalto, uma caneca rústica de cerâmica roxa e uma colher de prata — parecem inspiração para um quadro de natureza-morta. O apartamento de três quartos vale uma fortuna. Ela e meu tio Beau, que morreu anos atrás, o compraram antes que os preços dos imóveis no bairro disparassem. Ainda assim, parece uma velha casa de campo. As tábuas do piso envergam e rangem, e cada cômodo é pintado de uma cor — amarelo-canário, safira, verde-menta.

“Tem reunião hoje?”, pergunto, e ela assente com a cabeça.

Sempre encontro um grupo de calouros da NYU, críticos de arte do *New York Times* e um ou outro galerista reunidos na sala de estar. “Pode deixar que compro vinho na volta para casa”, digo. É importante que tia Charlotte não me veja como um fardo. Ela é tudo que me resta.

Enquanto mexo meu café, imagino se Richard está preparando uma bandeja para levar na cama para seu novo amor, sonolenta e aquecida sob o edredom fofinho que compartilhávamos. Vejo os lábios dela se curvarem em um sorriso quando afasta a coberta para ele entrar. Costumávamos fazer amor pela manhã. “Não importa o que aconteça durante o resto do dia, pelo menos tivemos esse momento”, ele dizia. Sinto meu estômago embrulhar e largo a torrada. Olho para meu relógio Cartier, um presente de Richard no nosso quinto aniversário de casamento, e passo a ponta do dedo pela superfície lisa de ouro.

Ainda consigo sentir seu toque quando ergueu meu braço para colocá-lo no pulso. Às vezes tenho certeza de que as minhas roupas — mesmo depois de lavadas — ainda cheiram ao sabonete L’Occitane que ele usava. Richard parece estar sempre por perto, apesar de fugidio, como uma sombra.

“Acho que seria bom para você se juntar a nós esta noite.”

Demoro um tempo para me localizar. “Vamos ver”, respondo, mesmo sabendo que não vai acontecer. Os olhos de tia Charlotte se suavizam; deve ter percebido que estou pensando em Richard. Mas ela não conhece a verdadeira história do nosso casamento. Acha que ele gosta de jovencinhas e me deixou de lado por uma, seguindo o padrão de tantos outros homens. Pensa que sou a vítima, mais uma mulher descartada ao chegar à meia-idade.

A paixão desapareceria de seu rosto se soubesse do meu papel na nossa derrocada.

“Preciso correr”, digo. “Manda uma mensagem se quiser alguma coisa do mercado.”

Consegui o emprego de vendedora um mês atrás, e já recebi duas advertências por atraso. Tenho que conseguir pegar no sono

mais cedo; os remédios que o médico receitou me deixam letárgica de manhã. Eu estava havia quase uma década sem trabalhar. Se perder o emprego, quem vai querer me contratar?

Ponho a bolsa pesada no ombro, com meus sapatos Jimmy Choo dentro, amarro os cadarços dos tênis Nike velhos de guerra e coloco os fones nos ouvidos. Fico escutando podcasts de psicologia na longa caminhada até a Saks; ouvir a respeito dos padrões compulsivos de outras pessoas faz com que eu consiga me manter afastada por um tempo dos meus.

O sol fraco que vi ao acordar me fez pensar que seria um dia quente. Eu me encolho toda ao sentir o impacto do vento frio de fim de primavera e começo o trajeto a pé do Upper East Side até a Midtown.

Minha primeira cliente é uma executiva chamada Nancy. Seu trabalho em um banco de investimentos consome muito tempo, ela explica, mas a reunião que tinha pela manhã foi cancelada de última hora. É uma mulher baixa, com olhos bem separados e cabelos curtos. Sua silhueta de menino torna o caimento das roupas um desafio. Fico feliz pela distração.

“Preciso me vestir como uma mulher poderosa, caso contrário não sou levada a sério”, ela diz. “Olha só para mim. Ainda pedem minha identidade quando saio à noite!”

Enquanto a ajudo a tirar o terninho cinza, percebo que suas unhas estão roídas. Ela nota meu olhar e esconde as mãos. Fico me perguntando quanto tempo ainda vai durar no emprego. Talvez arrume outro — algo no setor de serviços, talvez, ligado a causas ambientais ou direitos infantis — antes que o mercado financeiro acabe com ela.

Pego uma saia risca de giz e uma camisa de seda estampada. “Que tal alguma coisa mais viva?”, sugiro.

Enquanto andamos pela loja em busca de roupas, ela fala sobre uma corrida de bicicleta pelos cinco distritos da cidade da qual quer participar no mês que vem, apesar de não estar treinada para isso, e sobre o encontro às cegas que um colega quer marcar com

um amigo. Pego mais peças, olhando para ela para ter uma ideia melhor de seu tamanho e tom de pele.

Então vejo um deslumbrante Alexander McQueen florido, em preto e branco, e detenho o passo. Passo a mão de leve no tecido, sentindo meu coração disparar.

“É bonito”, comenta Nancy.

Fecho os olhos e me lembro da noite em que usei um vestido quase igual a esse.

Richard chegou em casa com uma caixa branca grande, decorada com uma fita vermelha. “Use hoje à noite”, ele disse quando experimentei. “Você está linda.” Bebemos champanhe no evento de gala da companhia de dança Alvin Ailey e rimos e conversamos com seus colegas. Ele pôs a mão na parte inferior das minhas costas. “Esqueça o jantar”, murmurou no meu ouvido. “Vamos para casa.”

“Está tudo bem?”, Nancy me pergunta, trazendo-me de volta.

“Tudo ótimo”, respondo, com um nó na garganta. “Mas esse não é o vestido certo para você.”

Nancy parece surpresa, então percebo que fui brusca demais.

“Este aqui.” Escolho um modelo mais justinho, vermelho-tomate.

Vamos para o provador, com as roupas pesando nos meus braços. “Acho que já dá para começar.”

Penduro as roupas, tentando me concentrar na ordem em que quero que as experimente, começando com uma jaqueta lilás que vai combinar com sua pele bronzeada. Jaquetas são as melhores peças para começar, porque as clientes não precisam tirar a roupa para provar.

Encontro meias finas e sapatos de salto alto que combinam com as saias e os vestidos, e em seguida incluo algumas peças de que sei que não vai gostar. No fim, Nancy decide ficar com a jaqueta, dois vestidos — inclusive o vermelho — e um terninho azul-marinho. Chamo uma costureira para marcar a barra e peço licença a Nancy para faturar suas compras.

Em vez disso, volto para o vestido preto e branco. Há três deles

na arara. Pego todos e levo para o estoque, escondo-os em meio a um lote de peças danificadas.

Entrego o cartão de crédito de Nancy e o recibo no momento em que ela termina de vestir a roupa com que chegou.

“Obrigada”, agradece Nancy. “Eu jamais teria escolhido essas roupas, mas elas me deixaram empolgada.”

Essa é a parte do meu trabalho de que gosto — fazer as clientes se sentirem bem. Experimentar roupas e gastar dinheiro sempre faz as mulheres pensarem: *Será que estou gorda? Será que mereço isso? Esta sou mesmo eu?* Conheço bem essas dúvidas porque já estive dentro do provador muitas vezes, tentando entender quem sou.

Coloco as roupas novas de Nancy em uma sacola e entrego a ela, pensando por um instante que tia Charlotte pode estar certa. Se eu continuar seguindo em frente, talvez minha mente acabe se deixando levar.

Depois que Nancy vai embora, atendo algumas clientes e recoloco nas araras as peças que não foram compradas. Enquanto arrumo as roupas nos cabides, ouço duas mulheres conversando em cabines vizinhas.

“Argh, este Alaïa ficou horrível. Estou toda inchada. Eu sabia que era mentira da garçonete quando ela falou que era molho de soja light.”

Reconheço o sotaque sulista imediatamente: Hillary Searles, esposa de George Searles, colega de trabalho de Richard. Hillary e eu nos encontramos em inúmeros jantares e eventos quando eu era casada. Ouvi sua opinião sobre as diferenças entre escolas públicas e particulares, entre a dieta Atkins e a Dukan, sobre a ilha de São Bartolomeu e a costa amalfitana. Agora sua voz me soa insuportável.

“Alô? Tem alguma vendedora aqui? Precisamos de outros tamanhos”, uma voz chama.

A porta de um provador se abre e uma mulher aparece. É tão parecida com Hillary, com os mesmos cabelos ruivos cacheados, que só pode ser sua irmã. “Pode nos ajudar? Nossa vendedora

desapareceu.”

Antes que eu responda, um borrão laranja surge no meu campo de visão, quando o Alaïa é arremessado por cima da porta do provador. “Vocês têm esse no quarenta e dois?”

Se Hillary estiver mesmo disposta a gastar três mil e cem dólares em um vestido, a comissão vai compensar o interrogatório a que vou ter que me submeter.

“Vou verificar”, respondo. “Mas a modelagem da Alaïa não é das mais fáceis, não importa o que você tenha comido no almoço... Posso trazer um quarenta e quatro, caso ainda fique pequeno.”

“Sua voz não me é estranha.” Hillary dá uma espiada para fora, escondendo o corpo inchado de sódio atrás da porta. Ela dá um gritinho e precisa fazer força para não sair de lá sem roupa. “O que está fazendo aqui?”

Sua irmã entra na conversa de dentro do provador. “Com quem você está falando, Hill?”

“Vanessa é uma velha amiga. Ela é casada... hã, era... com um dos sócios do George. Espera um pouquinho, vou pôr uma roupa.” Quando reaparece, ela me dá um abraço sufocante, envolvendo-me com seu perfume floral.

“Como você está diferente! O que foi que mudou?” Ela põe as mãos na cintura e me escrutina com o olhar. “Para começo de conversa, emagreceu. Caberia nesse Alaïa sem o menor problema. Então agora você trabalha aqui?”

“Trabalho. Que bom ver você...”

Nunca me senti tão grata por ter uma conversa interrompida pelo toque de um celular. “Alô?”, atende Hillary, com a voz aguda. “O quê? Com febre? Tem certeza? Lembra a última vez que você me falou que... Tudo bem, tudo bem. Já estou indo.” Ela vira para a irmã. “Era da escola. Dizem que Madison está doente. Sinceramente, eles mandam as crianças para casa por qualquer espirro.”

Ela se aproxima para me dar mais um abraço, e o diamante de sua aliança roça no meu rosto. “Vamos almoçar um dia desses e

conversar direitinho. Me liga!”

Enquanto Hillary e a irmã batem os saltos na direção do elevador, vejo uma pulseira de platina caída na cadeira do provador. Apanho a joia e vou correndo atrás dela. Estou prestes a chamá-la quando sua voz chega até mim. “Coitadinha”, ela comenta com a irmã, e percebo o tom de pena em sua voz. “Ele ficou com a casa, com os carros, com tudo...”

“Sério? Ela não conseguiu um advogado decente?”

“Ela foi para o fundo do poço”, Hillary diz, encolhendo os ombros.

Sinto como se tivesse batido em uma parede invisível.

Fico observando Hillary se afastar. Quando aperta o botão do elevador, volto para recolher as peças de seda e linho largadas no chão do provador. E coloco o bracelete de platina no pulso.

Pouco antes do fim do nosso casamento, Richard e eu fizemos um coquetel em casa. Foi a última vez que vi Hillary. A noite começou com um bocado de estresse, porque o pessoal do bufê chegou atrasado. Richard estava irritadíssimo — com a empresa, comigo (por não ter marcado com eles mais cedo), com toda a situação —, mas engoliu a raiva e se colocou atrás do balcão do bar improvisado na sala de estar para fazer martinis e gins-tônicas, rindo toda vez que um de seus sócios lhe jogava uma nota de vinte dólares de gorjeta. Tratei de circular entre os convidados, murmurando desculpas pelo brie e o cheddar que tive que servir de última hora, prometendo que a comida de verdade chegaria em breve.

“Amor? Você pode pegar algumas garrafas do Raveneau 2009 na adega?”, Richard me pediu do outro lado da sala. “Comprei uma caixa na semana passada. Estão na prateleira do meio.”

Senti meu corpo gelar e os olhos de todos se voltando para mim. Hillary tinha passado pelo bar. Provavelmente fora ela quem pedira o vinho; era seu favorito.

Lembro-me de descer para a adega em câmera lenta, adiando o momento em que precisaria dizer a Richard, na frente de todos os

seus amigos e parceiros de negócios, aquilo que eu já sabia: não tínhamos Raveneau nenhum.

Passo a hora seguinte atendendo uma senhora que vai ser madrinha de batizado e montando um guarda-roupa para uma mulher que vai fazer um cruzeiro no Alasca. Meu corpo parece afundar em areia movediça — a fagulha de esperança que senti depois de ajudar Nancy já se extinguiu.

Então vejo Hillary antes mesmo de ouvir sua voz.

Ela vem até mim quando estou pendurando uma saia na arara.

“Vanessa!”, ela grita. “Por favor me diga que encontrou...”

Ela se interrompe quando seus olhos pousam sobre meu pulso.

Tiro a pulseira em um gesto apressado. “Eu... fiquei preocupada de deixar uma coisa assim no achados e perdidos... Imaginei que fosse voltar para buscar, senão ligaria.”

A desconfiança desaparece dos olhos de Hillary. Ela acredita em mim. Ou pelo menos se esforça para isso.

“Sua filha está bem?”

Hillary faz que sim com a cabeça. “Acho que só queria matar a aula de matemática.” Ela dá uma risadinha e coloca o pesado bracelete de platina no pulso. “Você salvou a minha vida. Faz uma semana que George me deu, no meu aniversário. Imagina só o que ia acontecer se eu dissesse que perdi? Ele ia pedir o divórcio...”

Ela fica toda vermelha e desvia os olhos. Hillary tem horror a indelicadezas. No começo, isso até me fazia rir.

“Como vai George?”

“Ocupado, sempre ocupado! Você sabe como ele é.”

Mais uma breve pausa.

“Tem visto Richard?” Tento manter um tom de voz casual, mas não consigo. Minha sede de notícias é mais do que evidente.

“Ah, de vez em quando.”

Fico à espera de mais informações, mas ela claramente não está disposta a revelar nada.

“Bom, quer experimentar aquele Alaïa?”

“Eu preciso ir. Volto outra hora, querida.” Mas sinto que não é

verdade. Hillary deve estar torcendo para que o que vê diante de si — o botão lascado de um Chanel de dois anos atrás, um penteado claramente feito em casa — não seja contagioso.

Com um abraço brevíssimo, ela se vira para ir embora. Então detém o passo.

“Se fosse comigo...” Ela franze a testa; está refletindo sobre alguma coisa, tomando uma decisão. “Bom, acho que eu ia querer saber.”

Eu me sinto dentro de um túnel, com um trem vindo na minha direção.

“Richard ficou noivo.” A voz dela parece pairar a uma distância enorme de mim. “Desculpa... Me pareceu o tipo de coisa que...”

O rugido dentro da minha cabeça sufoca o restante da frase. Balanço afirmativamente a cabeça e me afasto.

Richard está noivo. Meu marido vai casar com aquela mulher.

Vou até um provador, encosto na parede e deslizo até o chão, sentindo o carpete queimar minhas coxas e meu vestido subir. Seguro a cabeça entre as mãos e começo a chorar.

3

Ao lado da velha capela com campanário que abrigava a Learning Ladder havia três lápides da virada do século, desgastadas pelo tempo e escondidas entre as árvores. Do outro lado ficava um pequeno parquinho com caixa de areia e um trepa-trepa amarelo e azul. Símbolos da vida e da morte cercavam a igreja, que já havia testemunhado inúmeras cerimônias em homenagem a ambos os eventos.

Uma das lápides tinha o nome de Elizabeth Knapp. Morta aos vinte e poucos anos, seu túmulo ficava um pouco mais distante dos demais. Nellie fez o caminho mais longo, como sempre, para evitar passar pelo pequeno cemitério. Mesmo assim, ficou pensando na jovem.

Sua vida pode ter sido interrompida por uma doença, um parto ou um acidente.

Tinha sido casada? Tivera filhos?

Nellie pôs a bolsa no chão para abrir o portão do parquinho, sentindo o vento que fazia as folhas das árvores farfalharem. Elizabeth devia ter vinte e seis ou vinte e sete anos; Nellie não lembrava direito. Aquele detalhe de repente passou a incomodá-la.

Ela fez menção de se dirigir ao cemitério para verificar, mas o sino da capela tocou oito vezes, e seus acordes graves e sombrios eram um lembrete de que as reuniões começariam em quinze minutos. Uma nuvem passou na frente do sol, e de repente ela sentiu frio.

Nellie se virou e passou pelo portão, fechando-o atrás de si.

Removeu a lona que cobria a caixa de areia para que as crianças pudessem usá-la. Uma lufada mais forte ameaçou levá-la, mas ela fez força para segurar a lona, depois a prendeu sob um vaso pesado.

Entrou às pressas na escola e desceu correndo para o porão. O cheiro terroso e encorpado de café anunciava que Linda, a diretora, já tinha chegado. Nellie costumava deixar suas coisas na sala de aula antes de ir cumprimentá-la, mas naquele dia passou pela classe vazia e seguiu pelo corredor até a luz amarelada que saía do escritório da mulher, desejando ver um rosto familiar.

Ela entrou e deparou com uma bandeja de croissants. Linda estava dobrando guardanapos ao lado de uma pilha de copos de isopor, com os cabelos escuros presos e um terninho castanho e um cinto de couro de jacaré. Ela não se vestia daquele jeito só para os pais — mesmo em dias comuns, estava sempre pronta para brilhar.

“Não me diga que são de chocolate.”

“Da Dean & DeLuca”, Linda confirmou. “Pode pegar.”

Nellie soltou um grunhido. Descobrira aquela manhã, ao subir na balança, que ainda tinha dois — ou melhor, quatro — quilos para perder antes do casamento.

“Sério”, Linda incentivou. “Tem mais que o bastante para adoçar a boca dos pais.”

“São pais do Upper East Side”, brincou Nellie. “Eles não comem carboidratos.” Ela olhou para a bandeja outra vez. “Só um pedacinho.” E cortou um ao meio com uma faca de plástico.

Nellie deu uma mordida e se dirigiu à sala de aula. Não era um ambiente dos mais sofisticados, mas era acolhedor, e as janelas altas deixavam entrar bastante luz. Os alunos costumavam se sentar de pernas cruzadas no tapete macio com as letras do alfabeto espalhadas pelo trilho de trem. Havia suco de maçã para a hora da história. No cantinho dedicado à cozinha, vestiam chapeuzinhos de mestre-cuca e mexiam em panelas e frigideiras. Atrás do biombo no canto tinha de tudo, desde jalecos de médico a tutus de bailarina e capacetes de astronauta.

Sua mãe certa vez lhe perguntara por que não era uma professora “de verdade”, sem perceber o quanto a pergunta poderia ser ofensiva para Nellie.

A sensação daquelas mãozinhas gordinhas confiadas às suas; o momento em que um aluno decifrava as letras e lia uma palavra pela primeira vez, a expressão deslumbrada em seu rosto; o jeito como as crianças interpretavam tudo no mundo como uma novidade — como explicar aquela maravilha?

Ela sempre soubera que queria lecionar, assim como alguns se sentiam destinados a se tornar escritores ou artistas.

Nellie lambeu uma migalha de massa amanteigada do dedo e pegou a agenda de dentro da bolsa, junto com a pilha de “boletins” que distribuiria. Os pais pagavam trinta e dois mil dólares por ano para mandar os filhos para a escola por algumas horas; os Porter, com seus links de cabanas indígenas, não eram os únicos que queriam que as coisas por ali funcionassem do seu jeito. Toda semana, Nellie recebia e-mails como o dos Levine, pedindo listas de exercícios adicionais para o pequenino e inteligentíssimo Reese. Os números dos celulares dos professores ficavam disponíveis na diretoria para casos de emergência, mas alguns pais não levavam aquilo ao pé da letra. Uma vez Nellie recebeu um telefonema às cinco da manhã porque Bennett tinha vomitado durante a noite e a mãe queria saber o que ele comera na escola no dia anterior.

O toque estridente na escuridão fizera Nellie acender todas as luzes mesmo depois de saber que não se tratava de nada urgente. Para aproveitar a descarga de adrenalina, ela começou a reorganizar o closet e as gavetas da cômoda.

“Que sem noção”, Sam comentara ao ouvir Nellie contar sobre a ligação. “Por que não deixa o celular desligado enquanto dorme?”

“Boa ideia”, disse Nellie, ciente de que jamais seguiria o conselho. Ela tampouco ouvia música alta enquanto corria ou ia para o trabalho. E nunca andava na rua sozinha à noite.

Caso houvesse uma ameaça por perto, queria estar atenta aos

sinais.

Nellie fazia suas últimas anotações quando ouviu uma batida na porta. Ergueu os olhos e viu que eram os Porter — ele com um terno risca de giz azul-marinho e ela com um vestido rosa. Pareciam prontos para ir à ópera.

“Sejam bem-vindos”, Nellie falou quando se aproximaram para cumprimentá-la. “Por favor, sentem.” Ela segurou o riso enquanto os dois tentavam se ajeitar nas cadeirinhas infantis em torno da mesa do lanche. Nellie se sentou em uma também, mas já estava acostumada.

“Como sabem, Jonah é um menino incrível”, ela começou. Todas as suas reuniões com pais começavam naquele tom elogioso, mas no caso de Jonah era mesmo verdade. A parede do quarto de Nellie era decorada com desenhos de seus alunos favoritos, e incluía um em que Jonah a retratara como uma boneca feita de marshmallow.

“Você reparou no jeito como ele segura o lápis?”, a sra. Porter perguntou, tirando um caderno e uma caneta da bolsa.

“Hã, eu não...”

“Fica inclinado”, o sr. Porter interrompeu, fazendo uma demonstração com a caneta da esposa. “Ele entorta a mão assim, sabe? O que acha? Ele deve fazer terapia ocupacional?”

“Bem, ele só tem três anos e meio.”

“Três anos e nove meses”, corrigiu a sra. Porter.

“Verdade”, Nellie concordou. “Muitas crianças ainda não desenvolveram a coordenação motora mais fina o suficiente para...”

“Você é da Flórida, não é?”, o sr. Porter perguntou.

Nellie piscou algumas vezes, confusa. “Como é que... Desculpe, mas por que a pergunta?” Ela não ia falar com os Porter sobre de onde vinha. Sempre tomava o cuidado de não revelar muita coisa sobre seu passado.

Não era difícil se esquivar dos questionamentos depois de aprender certos truques. Quando alguém fazia perguntas relacionadas à infância, era só falar de uma casa na árvore

construída pelo pai, ou de um gato preto que pensava que era um cachorro e sentava e levantava as patinhas obediente, à espera de um biscoito. Quando o assunto era faculdade, bastava mencionar a temporada invicta do time de futebol americano da universidade ou o refeitório do campus, que precisou ser evacuado por causa de um pequeno incêndio iniciado por uma torradeira. Histórias divertidas e atraentes serviam para desviar o foco. E não revelar detalhes era a melhor forma de não se destacar, mencionando de forma vaga a formatura. Mentiras deveriam ficar reservadas às ocasiões em que fossem estritamente necessárias.

“Bom, as coisas são diferentes aqui em Nova York”, o sr. Porter continuou. Nellie o encarou com cautela. Era um homem no mínimo quinze anos mais velho, e seu sotaque deixava claro que era mesmo de Manhattan. Não havia outro motivo para eles se conhecerem fora da escola. Como ele sabia? “Não queremos que Jonah fique para trás”, ele continuou, tomando todo o cuidado para não tombar a cadeira ao se recostar nela.

“O que meu marido está querendo dizer”, interveio a sra. Porter, “é que vamos tentar uma vaga nas melhores escolas no próximo semestre.”

“Entendo.” Nellie recuperou a concentração. “Bem, a decisão cabe inteiramente a vocês, mas pode ser bom esperar mais um ano.” Ela sabia que Jonah já fazia aulas de mandarim, caratê e música. Duas vezes naquela semana o vira bocejar e coçar os olhinhos sonolentos. Pelo menos tinha tempo de fazer castelos de areia e empilhar blocos de brinquedo enquanto estava na escola.

“Eu queria que vocês soubessem de uma coisa que aconteceu. Um dos meninos esqueceu o almoço em casa”, começou Nellie, “e Jonah se ofereceu para dividir o dele. É uma demonstração de empatia e gentileza...”

Ela se interrompeu quando o celular do sr. Porter começou a tocar.

“Sim?”, ele falou, sem tirar os olhos de Nellie.

Ela só o havia encontrado duas vezes, nas reuniões de pais do semestre anterior. Mas naquelas ocasiões ele não ficara encarando

nem fizera nada de estranho.

O sr. Porter gesticulou rapidamente, incentivando-a a continuar. Com quem estaria falando ao celular?

“Você faz avaliações regulares das crianças?”, a sra. Porter perguntou.

“Como?”

A mulher sorriu, e Nellie percebeu que seu batom era exatamente da mesma cor do vestido. “Na Smith eles fazem. Todo bimestre. Preparação acadêmica, rodas de pré-leitura em grupos formados com base nas habilidades de cada um, princípios de multiplicação...”

Multiplicação? “Eu avalio as crianças, sim”, Nellie respondeu, endireitando as costas.

“Você só pode estar de brincadeira”, o sr. Porter falou ao telefone. Nellie olhou para ele.

“Não em termos de multiplicação... mas, hã... de habilidades mais elementares, como contar e reconhecer letras”, ela explicou. “Se olhar o verso do boletim, vai encontrar a divisão em categorias.”

Houve um momento de silêncio enquanto a sra. Porter examinava as anotações de Nellie.

“Diga para Sandy resolver isso. Não perca essa conta.” O sr. Porter desligou o celular e sacudiu negativamente a cabeça. “Já encerramos por aqui?”

“Bem”, a sra. Porter disse para Nellie. “Você deve ter muito o que fazer.”

Nellie sorriu, mas sem mostrar os dentes. *Sim, ela sentiu vontade de dizer. Tenho muito o que fazer. Ontem tive que limpar aquele tapete porque uma criança derrubou achocolatado nele. Comprei um cobertor mais macio para o cantinho do silêncio para que seu garotinho atarefado demais para a idade possa descansar. Fiz três turnos extras como garçoneiro porque o salário que ganho aqui não cobre nem as contas básicas. E mesmo assim entrei em sala todos os dias às oito da manhã cheia de energia para me dedicar aos filhos de vocês.*

Ela estava prestes a voltar para a sala de Linda para pegar a

outra metade do croissant quando ouviu a voz retumbante do sr. Porter: “Esqueci meu paletó”. Ele pegou a peça de roupa do encosto da cadeirinha.

“Por que acha que sou da Flórida?”, Nellie perguntou num impulso.

Ele encolheu os ombros. “Minha sobrinha estudou lá, na Grant. Acho que alguém comentou que foi onde você se formou.”

Aquela informação não estava na biografia publicada no site da escola. Nellie não tinha nada com o brasão da universidade — nem um único moletom, chaveiro ou flâmula.

Linda deve ter dito para os Porter. Parecem ser o tipo de pais que querem saber de tudo, Nellie pensou.

Ainda assim, ela o observou com atenção, tentando imaginar as feições dele no rosto de uma jovem. Nellie não se lembrava de ninguém com aquele sobrenome. O que não significava que não poderia ser alguém que se sentava atrás dela nas aulas, ou que tentara fazer parte de sua irmandade.

“Bom, minha próxima reunião está para começar, então...”

Ele olhou para o corredor vazio e depois para ela. “Claro. Nos vemos na formatura.” Ele saiu assobiando pelo corredor. Nellie o observou até que sumisse de vista.

Richard quase nunca falava da ex, então Nellie sabia pouco sobre ela. Ainda morava em Nova York. Tinha se separado dele pouco antes de Nellie conhecê-lo. Era bonita, tinha cabelos escuros e compridos e rosto fino — ela fizera uma busca no Google e encontrara uma foto pequena e desfocada dela em um evento beneficente.

E estava sempre atrasada, um hábito que Richard considerava irritante.

Nellie percorreu correndo o último quarteirão até o restaurante italiano, já arrependida das duas taças de pinot grigio que tomara com as outras professoras para comemorar o fato de terem sobrevivido às reuniões de pais. Elas compartilharam histórias da frente de batalha; Marnie, cuja sala ficava ao lado da

sua, foi declarada vencedora porque um casal de pais mandou como representante a babá que mal falava inglês.

Tinha perdido a noção da hora, e só percebeu isso quando olhou o celular a caminho do banheiro. Ao abrir a porta da cabine, uma mulher quase esbarrou nela. “Desculpa!”, Nellie falou por reflexo. Ela conseguiu desviar para o lado, mas derrubou a bolsa, espalhando tudo pelo chão. A mulher passou por cima das coisas sem dizer nada e entrou em uma cabine. (“Que falta de educação!”, a professora em Nellie teve vontade de gritar, enquanto se ajoelhava para recolher a carteira e a maquiagem.)

Chegou ao restaurante onze minutos atrasada. O maître ergueu os olhos do livro de reservas com capa de couro quando ela abriu a pesada porta de vidro. “Vim encontrar meu noivo”, Nellie disse, ofegante.

Percorreu o salão com os olhos e viu Richard se levantar de uma mesa no canto. Ao redor de seus olhos havia algumas marcas de expressão, e perto das têmporas os cabelos escuros começavam a ficar grisalhos. Ele a olhou de cima a baixo e deu uma piscadinha. Ela se perguntou se algum dia deixaria de sentir um frio na barriga quando o visse.

“Desculpa”, Nellie falou ao chegar. Ele a beijou e puxou sua cadeira. Ela sentiu o frescor cítrico de seu cheiro.

“Está tudo bem?”

Qualquer pessoa consideraria a pergunta mera formalidade. Mas Richard tinha os olhos cravados nos seus; Nellie sabia que estava interessado de verdade na resposta.

“Foi um dia maluco.” Nellie se sentou e soltou um suspiro. “Reunião de pais. Quando a gente for às reuniões dos nossos filhos, me lembre de ser gentil e agradecer aos professores.”

Ela alisou a saia enquanto ele pegava a garrafa de Verdicchio do balde de gelo. Sobre a mesa, uma vela queimava, lançando um círculo dourado sobre a toalha creme.

“Só meia taça para mim. Bebi um pouco com as outras professoras depois da reunião. Linda pagou; disse que era para nos recompensar pela batalha.”

Richard franziu a testa. “Podia ter me avisado. Não teria pedido uma garrafa inteira.” Ele chamou o garçom com um sinal sutil e pediu uma água San Pellegrino. “Você fica com dor de cabeça quando bebe durante o dia.”

Nellie sorriu. Tinha sido uma das primeiras coisas que contara a ele.

Estava sentada ao lado de um soldado no avião, voltando de uma visita à casa da mãe, no sul da Flórida. Havia mudado para Manhattan para recomeçar a vida depois de se formar na faculdade. Se sua mãe não morasse lá, jamais voltaria à sua cidade natal.

Antes da decolagem, a comissária apareceu. “Um cavalheiro da primeira classe está oferecendo o lugar dele a você”, ela disse ao jovem soldado.

“Maravilha!”, ele respondeu, já se levantando.

Então Richard apareceu no corredor, com o nó da gravata frouxo, como se fosse o fim de um dia cansativo. Segurava uma bebida e uma maleta de couro. Seus olhos encontraram os de Nellie, fazendo-a abrir um sorriso radiante.

“Foi muita gentileza sua.”

“Não foi nada”, Richard disse enquanto se acomodava ao seu lado.

As instruções sobre os procedimentos de segurança começaram. Instantes depois, o avião estava subindo.

Nellie agarrava com força o braço do assento.

A voz grave de Richard, bem perto de sua orelha, a surpreendeu. “É como passar de carro por cima de um buraco. Não tem perigo nenhum.”

“Sei disso.”

“Mas não ajuda em nada. Talvez isso ajude.”

Richard ofereceu seu copo, e Nellie percebeu que ele não usava aliança. Ela hesitou. “Fico com dor de cabeça quando bebo durante o dia.”

O avião tremeu, e ela tomou um belo gole.

“Pode ficar. Eu peço outra... ou prefere uma taça de vinho?”

Ele ergueu as sobrancelhas, e ela pôde notar a cicatriz em formato de lua crescente em sua têmpora direita.

Nellie assentiu. “Obrigada.” Nunca outro passageiro havia tentado confortá-la durante um voo; em geral as pessoas desviavam o olhar ou folheavam uma revista enquanto ela entrava em pânico.

“Eu entendo você, sabe?”, ele disse. “Fico assim quando vejo sangue.”

“É mesmo?” O avião estremeceu de leve, e as asas se inclinaram para a esquerda. Ela fechou os olhos e engoliu em seco.

“Você precisa me prometer que não vai perder o respeito por mim se eu contar.”

Ela assentiu, porque queria continuar ouvindo aquela voz tranquilizadora.

“Uns anos atrás, um colega desmaiou e bateu a cabeça na quina da mesa no meio de uma reunião... Acho que sofria de pressão baixa. Ou então a reunião estava tão chata que ele entrou em coma.”

Nellie abriu os olhos e deu uma risadinha. Nem se lembrava da última vez que tinha conseguido fazer aquilo em um avião.

“Pedi para todo mundo se afastar, peguei uma cadeira e ajudei o cara a sentar. Gritei para irem buscar água, mas aí vi todo aquele sangue. De repente comecei a ficar zozinho, como se fosse desmaiar também. Praticamente arranquei o cara da cadeira para poder sentar. Todo mundo teve que me ajudar, em vez de a ele.”

O avião se alinhou no céu. Uma campainha discreta tocou, e uma comissária percorreu o corredor oferecendo fones de ouvido. Nellie soltou o braço da poltrona e olhou para Richard, que estava sorrindo para ela.

“Você sobreviveu. Estamos acima das nuvens. Vai ser bem tranquilo daqui para a frente.”

“Obrigada. Pela bebida e pela história... E você não perdeu em nada meu respeito.”

Duas horas depois, Richard já tinha contado a Nellie que

trabalhava como administrador de um fundo de investimentos e que tinha uma quedinha por professoras desde que uma o ensinara a pronunciar bem o erre. “É por causa dela que não me apresentei para você dizendo que meu nome é Wichawd.” Quando ela perguntou se tinha família em Nova York, ele fez que não com a cabeça. “Minha irmã mais velha mora em Boston. Meus pais morreram há muitos anos.” Ele juntou as mãos e olhou para elas. “Acidente de carro.”

“Meu pai também morreu.” Richard voltou a olhá-la. “Tenho uma blusa velha que era dele... Ainda uso de vez em quando.”

Os dois ficaram em silêncio por um instante, mas então a comissária instruiu os passageiros a recolher as bandejas e voltar os assentos para a vertical.

“Você prefere aterrissagens?”

“Acho que seria bom se me contasse outra história para passar o tempo”, Nellie falou.

“Humm. Não me vem nenhuma à cabeça agora. Por que não me passa seu telefone, caso me lembre de alguma?”

Ele tirou uma caneta do bolso do paletó, e ela inclinou a cabeça para escrever em um guardanapo, os cabelos loiros compridos caindo sobre os ombros.

Richard estendeu a mão e passou os dedos de leve pelos fios antes de prendê-los atrás da orelha dela. “É lindo. Nunca corte.”

Estou sentada no chão do provador, e o perfume de rosas no ar me remete a um casamento. Minha substituta vai ser uma noiva linda. Consigo até imaginá-la olhando para Richard, prometendo amá-lo e respeitá-lo, assim como eu fiz.

Quase posso ouvir sua voz.

Sei como é. Ligo para ela de vez em quando, de um celular pré-pago que não pode ser identificado.

“Oi”, diz a mensagem da caixa postal, em um tom animado e despreocupado. “Que pena que não consegui atender!”

Será que ela lamenta mesmo? Ou é puro despeito? Seu relacionamento com Richard agora é público, apesar de ter começado quando ainda estávamos casados. Tínhamos nossos problemas. Qual casal não tem, depois que acaba a fase da lua de mel? Ainda assim, não esperava que ele fosse me expulsar de casa tão depressa, apagando todos os rastros do nosso relacionamento.

É como se quisesse fingir que nunca tínhamos sido casados. Como se eu nunca tivesse existido.

Será que ela pensa em mim e se sente culpada?

Essas perguntas me atormentam todas as noites. Às vezes, quando fico deitada acordada durante horas, revirando-me nos lençóis, o rosto dela surge na minha mente quando estou prestes a pegar no sono. Nesses momentos eu me sento no colchão, pego um comprimido no criado-mudo e mastigo, em vez de engolir direto, para fazer efeito mais rápido.

A mensagem da caixa postal não deixa dúvidas sobre como se sente.

Quando a vi uma noite com Richard, ela parecia radiante.

Eu estava indo ao nosso restaurante favorito no Upper East Side. Um livro de autoajuda recomendava visitar lugares dolorosos do passado para se libertar do poder que exerciam e possibilitar que a pessoa voltasse a se sentir à vontade no cotidiano. Caminhei pelas redondezas do café onde Richard e eu tomávamos cappuccinos e dividíamos a edição de domingo do *New York Times*, então passei perto do escritório dele, onde era sempre realizada uma generosa festa de fim de ano, e andei por entre as magnólias e os lilases do Central Park. A cada passo me sentia pior. Era uma ideia horrível, e talvez fosse aquele o motivo pelo qual o livro estava em promoção.

Mesmo assim fui em frente, pretendendo terminar meu passeio com um drinque no restaurante onde Richard e eu comemoramos nossos últimos aniversários de casamento. Então vi os dois.

Talvez ele estivesse tentando estabelecer uma nova relação com o lugar também.

Se eu tivesse sido um pouquinho mais rápida, teríamos entrado quase ao mesmo tempo. Eu me escondi sob a marquise de uma loja e fiquei espiando. Consegui ver as pernas bronzeadas dela, suas curvas sedutoras, seu sorriso fácil quando Richard abriu a porta para que entrasse.

Estava na cara que meu marido a desejava. Que homem não desejaria? Ela tinha o frescor de um pêssego maduro.

Cheguei mais perto e os observei pela janela que ia do chão ao teto. Richard pediu uma bebida para ela — que aparentemente gostava de champanhe. Quando chegou, ela deu um gole na taça estreita.

Não deixei que Richard me visse; ele não acreditaria que havia sido uma coincidência. Eu já o tinha seguido, claro. Ou melhor, seguido os dois.

Mesmo assim, meus pés se recusavam a se mover. Eu a devorei com os olhos quando cruzou as pernas e foi possível ver sua coxa pela abertura da saia.

Richard chegou mais perto, passando o braço por trás do encosto da cadeira. Os cabelos dele estavam mais compridos, roçando a parte de trás da gola do paletó. A expressão leonina era a mesma de quando fechava um negócio importante, que vinha perseguindo fazia meses.

Ela jogou a cabeça para trás e deu risada de alguma coisa que ele falou.

Cravei as unhas nas palmas das mãos; ele tinha sido meu único amor.

“Vanessa?”

Agora, a voz do lado de fora do provador interrompe minhas lembranças. Ouço o sotaque britânico da minha chefe, Lucille, que não é conhecida por sua paciência.

Passo os dedos sob os olhos, ciente de que o rímel deve ter borrado. “Só estou dando uma ajeitadinha.” Minha voz sai embargada.

“Tem uma cliente precisando de ajuda para escolher um Stella McCartney. Você pode continuar depois.”

Ela fica esperando eu sair. Não vou ter tempo de retocar a maquiagem, nem mesmo de apagar os sinais do choro. Minha bolsa está na sala de descanso dos funcionários.

Quando saio da cabine, ela dá um passo para trás. “Está se sentindo mal?” Suas sobrancelhas se erguem em um arco perfeito.

Aproveito a brecha. “Sei lá. Acho que estou meio enjoada...”

“Consegue trabalhar o resto do dia?” O tom de voz de Lucille não demonstra nenhuma empatia, e fico me perguntando se aquela vai ser minha última mancada ali. Mas ela fala antes de mim. “Não, pode ser contagioso. Melhor ir embora.”

Assinto e vou buscar minha bolsa. Não quero que tenha a chance de mudar de ideia.

Pego a escada rolante para o andar principal e vejo meu reflexo caótico nos espelhos pelo caminho.

Richard está noivo, minha mente repete.

Dirijo-me às pressas à saída dos funcionários, sem parar nem para que o segurança reviste minha bolsa, então me recosto na

parede do lado de fora para calçar os tênis. Penso em pegar um táxi, mas o que Hillary falou é verdade. Richard ficou com a casa em Westchester e com o apartamento em Manhattan em que morava quando solteiro, onde dormia nas noites em que trabalhava até tarde. Onde os dois ficavam juntos. Ele ficou com os carros, com as ações, com as economias. Não lutei por nada. Entrei no casamento sem nada. Não deu certo. Não tive filhos. E o enganei.

Não fui uma boa esposa.

Mas agora fico me perguntando por que aceitei aquilo. Sua nova esposa vai pôr a mesa com os pratos que escolhi. Vai se aninhar junto a ele no sofá de camurça que encomendei. Vai se sentar ao lado dele, pôr a mão em sua perna e rir escandalosamente enquanto Richard engata a quarta na nossa Mercedes.

Um ônibus passa ao meu lado, soltando sua fumaça quente e cinza, que parece ficar impregnada em mim. Afasto-me do prédio e saio andando pela Quinta Avenida. Duas mulheres carregando sacolas de compras enormes quase me jogam para fora da calçada. Um engravatado passa apressado, com o celular no ouvido e uma expressão determinada. Atravesso a rua e um ciclista tira um fino de mim. Ele grita alguma coisa ao se afastar.

A cidade está me sufocando; preciso de espaço. Atravesso a rua 59 e entro no Central Park.

Uma garota de maria-chiquinha está maravilhada com um bichinho de bexiga amarrado em seu pulso, e fico olhando para ela. Deve ter uns nove anos. Se eu tivesse conseguido engravidar, talvez ainda estivesse com Richard. Ele poderia ter preferido não se separar. Poderíamos almoçar aqui com nosso filho.

Ofego. Tiro os braços da barriga e endireito as costas. Mantenho os olhos fixos à frente enquanto caminho. Concentro-me no ritmo estável dos tênis no asfalto, contando cada passo, estabelecendo pequenas metas. Cem. Agora mais cem.

Por fim saio do parque na rua 86 e me encaminho para o apartamento de tia Charlotte. O que mais quero é dormir,

esquecer tudo. Só tenho mais seis comprimidos, e da última vez que pedi uma receita a médica hesitou.

“Não quero que você se torne dependente de medicamentos”, ela falou. “Tente fazer exercícios e evite tomar café depois do meio-dia. Tome um banho quente antes de ir para a cama. Deve ajudar.”

Mas essas medidas só funcionam em casos passageiros de insônia. Não têm nenhum efeito em mim.

Estou quase chegando ao apartamento quando me dou conta de que me esqueci do vinho. Sei que não vou querer sair de novo, então volto alguns quarteirões até a loja de bebidas. Quatro tintos e dois brancos, foi o que minha tia pediu. Pego uma cestinha e escolho variedades de merlot e chardonnay.

Minhas mãos se fecham em torno das garrafas lisas e pesadas. Não bebo vinho desde que Richard me pôs para fora de casa, mas sinto falta do sabor frutado e da textura sedosa despertando minha língua. Fico hesitante, mas no fim coloco a sétima e a oitava garrafa na cestinha. As alças pressionam com força meu antebraço quando me dirijo ao caixa.

O jovem do outro lado do balcão registra a compra sem fazer nenhum comentário. Deve estar acostumado a ver mulheres com roupas de grife e maquiagem borrada passando no meio do dia para renovar o estoque. Eu costumava receber tudo em casa quando morava com Richard, pelo menos até ele me pedir para parar de beber. Depois precisava ir a um mercado a meia hora de carro, para não encontrar ninguém que conhecessemos. Nos dias da coleta de lixo reciclável, fazia uma caminhada matutina e colocava as garrafas vazias em latões distantes.

“Mais alguma coisa?”, ele pergunta.

“Não.” Pego o cartão de débito na bolsa, sabendo que se tivesse comprado vinhos caros em vez de garrafas de quinze dólares acabaria zerando minha conta-corrente.

Ele põe quatro garrafas em cada sacola, e eu abro a porta com o ombro para me dirigir ao apartamento de tia Charlotte com aquele peso todo nos braços. Entro no prédio e espero as portas

barulhentas do velho elevador se abrirem. A subida até o décimo segundo andar demora uma eternidade; minha mente é consumida pela ideia do primeiro gole descendo pela garganta, aquecendo o estômago. Amenizando a dor.

Por sorte, minha tia não está em casa. Vou conferir o calendário pendurado na geladeira e vejo as palavras M: TRÊS DA TARDE. Provavelmente uma amiga com quem ia se encontrar para um chá. Meu tio Beau, que era jornalista, morreu de ataque cardíaco muitos anos atrás. Era o amor da vida dela. Até onde sei, tia Charlotte não teve mais ninguém desde então. Ponho as sacolas no balcão e abro o merlot. Procuro uma taça, mas acabo pegando uma caneca mesmo, que encho até a metade. Sem conseguir esperar nem mais um segundo, levo o vinho aos lábios e sinto o sabor forte com notas de cereja acariciar minha boca. Fecho os olhos, engulo e sinto o líquido descer pela garganta. Uma parte da tensão começa a deixar meu corpo. Não sei quanto tempo minha tia vai demorar, então encho a caneca e levo minhas garrafas para o quarto.

Tiro o vestido, deixando-o cair no chão, em seguida o recolho e penduro. Visto uma camiseta cinza e uma calça de moletom confortáveis e deito na cama. Tia Charlotte colocou um pequeno televisor no meu quarto quando mudei, mas quase nunca uso. No momento, porém, estou desesperada por companhia, mesmo que seja eletrônica. Pego o controle remoto e fico mudando de canal até encontrar um programa de auditório. Seguro a caneca com firmeza e dou um grande gole.

Tento me distrair com o que se desenrola na tela, mas o tema do dia é infidelidade.

“É uma situação que pode fortalecer o casamento”, garante uma mulher de meia-idade de mãos dadas com o homem ao seu lado. Ele se remexe no assento e olha para o chão.

Mas também pode destruir, penso.

Fico olhando para o homem. *Quem era a outra?*, eu me pergunto. *Como ele a conheceu? Em uma viagem a trabalho, na fila para pegar um sanduíche? O que o atraiu nela, o que o fez cruzar essa linha tão*

perigosa?

Seguro a caneca com tanta força que minha mão até dói. Sinto vontade de atirá-la contra a tela, mas só me sirvo de mais vinho.

O homem cruza as pernas e apoia o calcanhar na coxa, em seguida se ajeita no assento. Depois pigarreia e coça a cabeça. É bom que esteja sem jeito. É forte e tem pinta de durão; não faz meu tipo, mas entendo por que as mulheres se sentiriam atraídas por ele.

“Recuperar a confiança é um processo demorado, mas se as duas partes estiverem comprometidas é perfeitamente possível”, diz uma mulher identificada na legenda como terapeuta de casais.

A tediosa esposa continua tagarelando, dizendo que a confiança foi restabelecida por completo, que seu casamento agora é sua prioridade, que eles tinham se afastado um do outro, mas se reencontraram. Suas frases parecem tiradas de um livro de autoajuda.

Então a terapeuta se volta para o marido. “Você concorda que a confiança foi restabelecida?”

Ele encolhe os ombros. *Babaca*, penso, imaginando como teria sido pego. “Estou me esforçando, mas é difícil. Não consigo deixar de imaginar minha mulher com aquele...” Um bipe corta sua última palavra.

Eu entendi tudo errado. Tinha pensado que o traidor era ele. As pistas estavam todas lá, mas não soube interpretá-las. Não é a primeira vez que isso acontece.

Bato a caneca nos dentes quando vou dar mais um gole. Afundo mais um pouco na cama, arrependida de ter ligado a televisão.

Como um casinho evolui para um pedido de casamento? Pensei que Richard estivesse só se divertindo. Esperava que o envolvimento dos dois fosse intenso, porém breve. Preferi não enxergar o que estava na minha cara. Aliás, como não entender os motivos dele? Eu não era mais a mulher com quem ele havia se casado, quase uma década antes. Tinha ganhado peso, quase não saía de casa e procurava segundas intenções em tudo o que